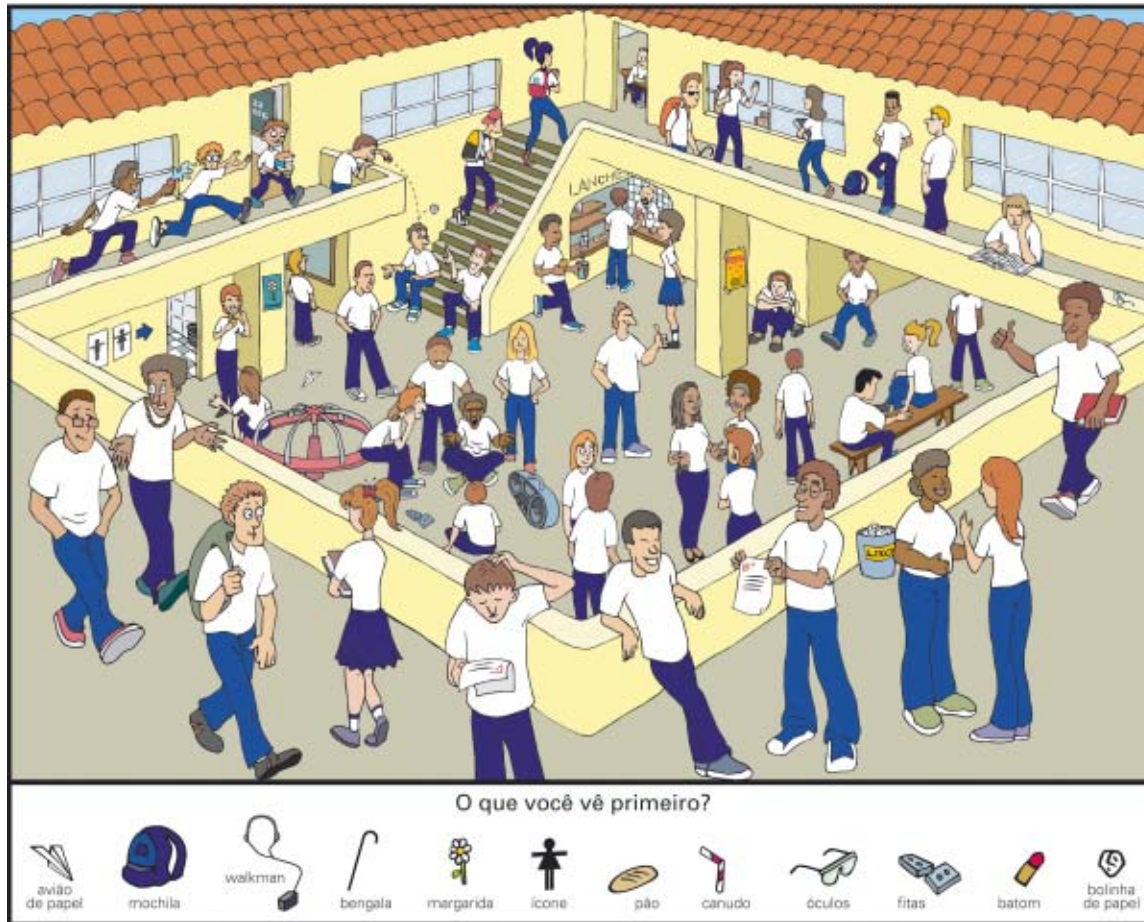


NÓS DA ESCOLA

RIO PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Avaliação

Práticas pedagógicas
Desafios cotidianos
 de professores e alunos

Atualidade
Você sabe o que é bullying?

Editorial	4
Práticas pedagógicas	
Cartas	5
Indispensável, Revista, Giramundo e A imagem da Educação	
Ponto e Contraponto	6
A professora Terezinha Amorim conta como o projeto Juro que Vi, da Multirio, transformou a rotina da escola George Sumner	
Pé na Estrada	11
A experiência da Loja Acelera, na Escola Municipal Maria Isabel Bivar	
Zoom	14
Educação para o trânsito	
Rede Fala	16
A relação entre diversidade cultural e prática docente	
Capa	18
Na pauta, prática pedagógica	
Carioca	23
A história da Defesa Civil	
Atualidade	24
Você sabe o que é <i>bullying</i> ?	
Professor On-line	28
Centro de Referência recebe até 30 de janeiro trabalhos para integrar o Guia de Mestres e Doutores	
Caleidoscópio	29
Os programas da MULTIRIO na sala de aula	
Olho Mágico	32
A equipe que está organizando a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes	
Especial Dia do Mestre	34
Uma homenagem a todos os professores	



Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • Sonia Mograbi - Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis - Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Elida Vaz - Assessora de comunicação e ouvidora • Guaira Miranda - Gerente de multimídia

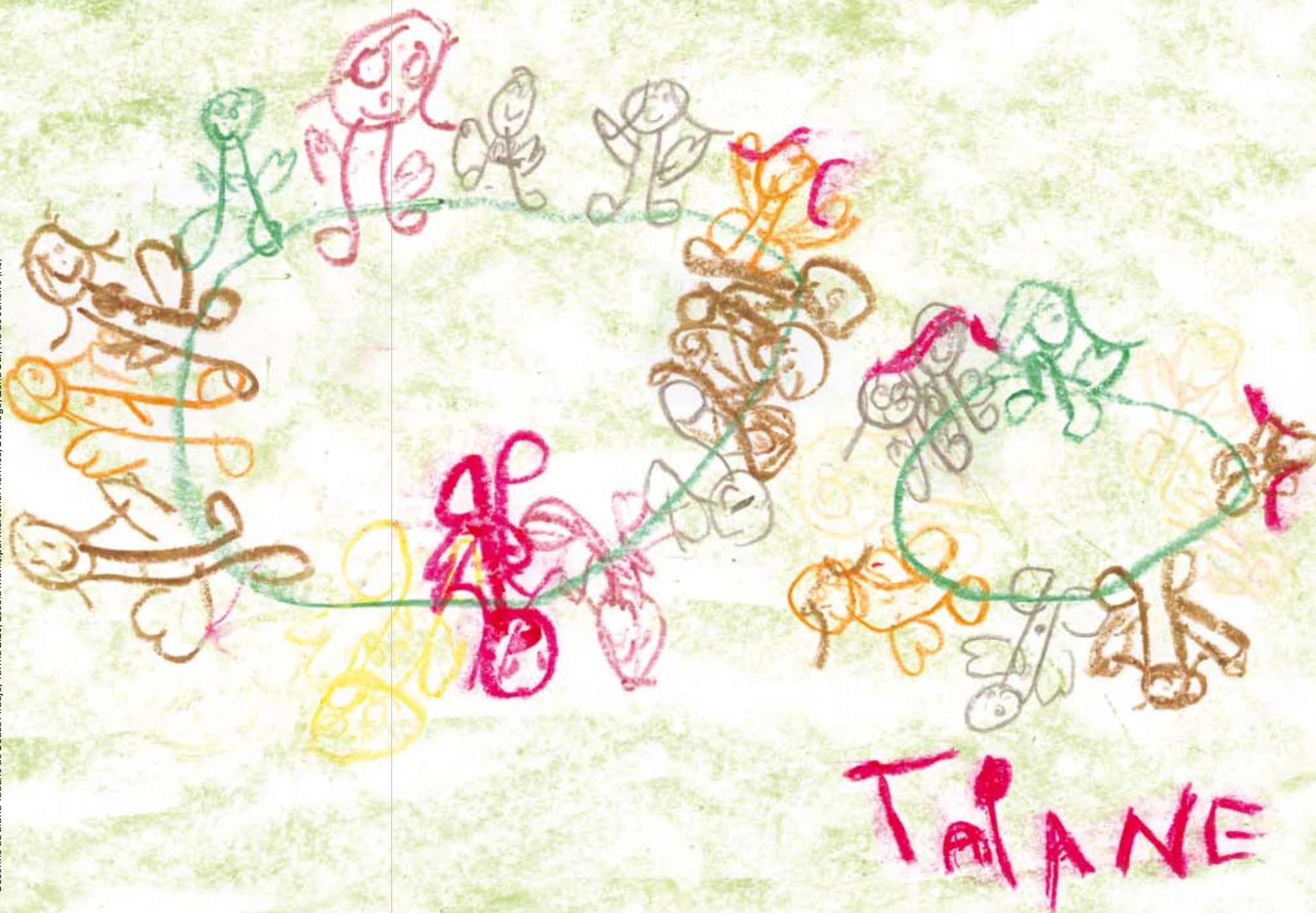
Equipe de Produção: Alberto Jacob Filho - Fotografia • Cristina Campos, Cristina Morel, Joanna Miranda e Suelly Barreto - Conteúdo • Erick Grigorovski, Eduardo Filipe e Marcus Martins - Ilustração • Elias Moraes - Produção gráfica • Marcus Tadeu Tavares e Marcelo Rocha - Reportagem • Martha Neiva Moreira - Edição • Nancy A. Soares e Carla Helal - Revisão • Tania Oliveira - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: Gráfica Esdeva • Tiragem: 40 mil exemplares

Capa - José Carlos Bianco, Patricia Bezerra, Beatriz Bezerra, Juliete Lopes, Wallace Farias e a professora Vanessa Medeiros Gomes da E.M. Shakespeare

NÓS DA ESCOLA

Desenho da aluna Taiane de Souza Araújo, Turma E120, Escola Municipal Marechal Hermes, Botafogo, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)



Em recente sessão do Conselho Municipal de Educação, com vistas à ampliação do debate sobre o Plano Municipal de Educação, convidamos o Conselho de Alunos de Grêmios, representantes das dez Coordenadorias Regionais de Educação. A pauta tratava da escola que desejamos: dificuldades, avanços, críticas e sugestões.

Vista como espaço de exercício da cidadania e aprendizagem, nossos alunos consideraram fundamental ter direitos e deveres a serem cumpridos por toda a comunidade escolar, destacando também a importância e responsabilidade da família neste processo. A magnificação do espaço escolar, sua conservação, o ambiente prazeroso e de respeito, ampliando as oportunidades oferecidas, foram ponto de destaque.

Lembrei-me das Diretrizes Curriculares Nacionais. Orientadoras das práticas educacionais em nosso país, estabeleceram os Princípios Éticos (da Autonomia, Responsabilidade, Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum), Políticos (dos Direitos e Deveres da Cidadania, do exercício da Criticidade e do respeito à Ordem Democrática) e Estéticos (da Sensibilidade, Criatividade, Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais).

Sem conhecê-las, estas constituíram a fala dos nossos alunos. Desta forma, fica claro que a escola é um espaço onde falar, ouvir, ler, escrever e contar deve ser um exercício diário de democracia, oferecendo a crianças, adolescentes, jovens e adultos a oportunidade de interação contínua.

As práticas pedagógicas devem estar contextualizadas no Projeto Político-Pedagógico da escola em consonância com a Multieducação, nosso Núcleo Curricular Básico, refletindo as experiências vividas por alunos e professores, oportunizando a troca entre estes profissionais, entre alunos e entre estes e seus professores, objetivando um ensino de qualidade e uma aprendizagem efetiva.

Se queremos constituir um mundo fraterno, solidário, justo e de paz, há de se repensar as práticas exercidas nas escolas para que sejam o resultado de um trabalho coletivo, onde pais, alunos, professores e direção valorizem o saber individual e coletivo, construindo um espaço para formação da escola cidadã.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Indispensável

Tenho dois exemplares antigos da revista **Nós da Escola** (quando era um informativo), que já naquela época era interessante. Mas, agora, ela se tornou indispensável. Sua produção gráfica é de qualidade e atraente. Tem uma linguagem convidativa. Na sua singularidade, permite que o profissional da educação fique informado sobre tudo o que está acontecendo com o aluno, sobre as diretrizes da SME, sobre a leitura ou releitura das práticas pedagógicas. **Nós da Escola** é uma valorização do professor!

Professora Marleyde Ferreira Fernando ✉

Ciep Rubens Paiva, Curicica, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Professora, agradecemos sua mensagem. O objetivo da revista é contribuir para o debate e a reflexão sobre os assuntos do cotidiano escolar.

Revista

Sou professora do Departamento de História da UFRJ. Por meio de uma aluna, que é professora da rede municipal, conheci a revista **Nós da Escola**. Tenho realmente me preocupado com o relacionamento entre a universidade e os ensinos Fundamental e Médio. Inclusive, neste semestre, estou lecionando a disciplina Livro Didático de História. Gostaria de saber se poderia receber a revista em questão, inclusive os números já publicados.

Professora Andréia Frazão @

N. da R. - Prezada professora, a revista **Nós da Escola** é produzida e distribuída pela MULTIRIO e Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro somente para os professores da Prefeitura do Rio. A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro recebe alguns exemplares. No site da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br), é possível acessar todos os números da revista, disponível em PDF.

Giramundo

Vibro de emoção ao ver que cada número da revista **Nós da Escola** vem se suplantando. O Giramundo nº 14 (Educação para o Consumo) está simplesmente demais! Sou professora de 58 anos de idade e 40 de magistério. Me lembrei de uma turma que tive no ano 2000. Os alunos gostavam de debater assuntos sobre cidadania. Começávamos dos “causos” que eles traziam da vida e falávamos dos direitos e deveres de cada um, sempre alertando os estudantes da importância de não se deixar morrer a capacidade de indignação, a curiosidade investigativa e a consciência de ser cidadãos, e, como tais, agir o mais corretamente possível. Como lembrete, gostaria de acrescentar ao texto do Giramundo nº 14 que é importante que o consumidor esteja alerta com relação ao preço, à qualidade e, também, à quantidade do produto a consumir.

Professora Maria Consuelo Vale Froes da Cruz ✉

N. da R. - Professora Maria, a observação ao texto do Giramundo procede e é muito bem-vinda. Obrigado também pelos elogios.

Correção

Na matéria “Um outro olhar sobre a TV” (revista nº 15, p. 27), cometemos um erro ao publicar Tchecoslováquia na lista dos países produtores de filmes, séries de animações e documentários. O nome correto deste país é República Tcheca.



A imagem da Educação

Gostaria de parabenizar toda a equipe da revista **Nós da Escola** pelas matérias tão atuais e dizer que fiquei encantada com a reportagem “A Imagem da Educação” (revista nº 13, p. 31), onde são abordadas a importância e a utilidade da fotografia na sala de aula. Sou professora de uma Escola Especial e no trabalho com portadores de necessidades educacionais especiais a fotografia é um material “pedagógico” fundamental. Nossos alunos são portadores de múltiplas deficiências e a grande maioria não fala, necessita de cadeira de rodas para se locomover e tem poucos movimentos corporais. Um de nossos objetivos é buscar um canal alternativo de comunicação com estas crianças e jovens. Pela fotografia conseguimos grandes avanços. Elas são utilizadas desde o reconhecimento do próprio aluno e de outras pessoas até para registrar alguns comportamentos dos alunos que vão se modificando com o tempo. Infelizmente, a fotografia é um material caro que a escola não oferece. Precisamos arcar com estas despesas sozinhas, o que torna difícil registrar tudo o que gostaríamos.

Professora Daniele Gomes
Escola Especial Municipal @ Maurício de Medeiros, Quintino, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A equipe da revista fica feliz com os comentários. Sempre que possível, procuramos mostrar como a mídia e os seus diversos suportes podem contribuir para a constituição de conhecimentos e valores nas escolas. Na revista **Nós da Escola** nº 10 publicamos na seção Pé na Estrada a matéria “Os alunos com a mão na massa”, onde retratamos experiências bem-sucedidas de escolas que trabalham com a mídia.

Tapetes que contam histórias

Por **Solange Jobim e Souza**, assessora especial da MULTIRIO, professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e do Departamento de Educação da Uerj; **Fernanda Passarelli Hamman**, jornalista; **Maria Cecília Moraes**, psicóloga

Há 11 anos professora da Sala de Leitura, Terezinha Amorim teve a chance de participar de uma experiência que marcou sua carreira: o projeto **Juro que Vi**, iniciativa da MULTIRIO que conta, em diferentes filmes de animação, as mais tradicionais lendas brasileiras recriadas pelas crianças junto com a equipe de animação. O motivo da escolha de seu nome para integrar a equipe desse projeto, entre tantos outros profissionais da rede, tem a ver com o delicado trabalho que ela desenvolve com os **tapetes “contadores de histórias”**. Tapetes criados por ela e que dão vida, como cenários, às narrativas fantásticas saídas de livros, de sua imaginação ou da fantasia dos alunos que as ouvem fascinados e recontam as histórias a seu modo. Fascinados também ficaram os integrantes da equipe do **Juro que Vi**, que convidaram Terezinha para que se tornasse uma espécie de ponte entre o grupo de animação e os alunos da escola; estes últimos, aliás, personagens fundamentais para a produção do desenho. Dessa experiência, a professora relata uma imensa satisfação com as transformações ocorridas, principalmente com os estudantes, em função do projeto. “Participaram crianças de várias idades e o que me marcou foi o cuidado dos maiores com os menores e, depois de um certo tempo, a integração entre eles”. Ela destaca também o fato de nesse trabalho as crianças terem voz e vez. “Quando a escola pára para ouvir os alunos, se descobre que eles têm muito a contribuir para o trabalho desenvolvido ali”, diz Terezinha, que conta essa e outras histórias na entrevista abaixo, concedida à professora Solange, à psicóloga Cecília e à jornalista Fernanda em um trabalho de pesquisa da MULTIRIO.

Fernanda - Como foi a sua participação no projeto Juro que Vi?

Terezinha - Foi um trabalho bem diferente do que eu estava acostumada a vivenciar na Sala de Leitura, principalmente pela convivência com alunos de diferentes faixas etárias. Sempre trabalho com turmas com crianças da mesma idade. Nesta experiência, tive a oportunidade de realizar atividades com alunos de Educação Infantil a 4ª série e observei que os maiores têm um certo cuidado com os menores. Foi tudo muito interessante porque me possibilitou entender concretamente que o professor pode e deve lidar com as diferenças (de idade, de pensamento, de forma de ver o mundo, de opiniões etc).

Solange - Esta é uma experiência que até poderia ser incorporada em outras escolas. O nosso objetivo, quando resolvemos juntar crianças de diferentes idades, foi exatamente promover a integração, ver como as crianças se comportam entre elas... Porque, na verdade, no

A técnica de produzir tapetes a partir das histórias chama-se Tapis Raconte e foi criada na França por Clotilde Hamman, que confeccionava os tapetes coloridos e repletos de figuras. Esses tapetes funcionavam como lindos cenários de pano para os personagens, também feitos por Clotilde. Seu filho Tarak Hamman, pedagogo e diretor de teatro, se encantou com o método e decidiu expandir a técnica para todo o mundo, trazendo-a para o Brasil em 1998.

âmbito da família, a criança interage com outras crianças (irmãos, primos etc.) mais velhas e mais novas. E a escola quebra isso.

Terezinha - A escola seleciona por idade e até por outros critérios. Agora existe a idéia de inclusão, então a escola está tentando juntar mais os grupos diferentes. Neste trabalho do **Juro que Vi**, por exemplo, os alunos tiveram a oportunidade de se defrontar com as diferenças de opiniões, de visões de mundo e com formas diferentes de apresentar os personagens. Foi muito produtivo.

Fernanda - E quanto à mistura dos alunos das turmas de progressão no Juro que Vi?

Terezinha - Muito interessante. Porque eles chegam com um comportamento e, à medida que vão formando aquele grupo, aprendem a ouvir mais o colega. Eu acredito que o projeto tenha sido um dos elementos que ajudaram nessa integração.

Fernanda - Um dos alunos serviu como inspiração para um personagem do filme **O Curupira...**

Terezinha - Exatamente. Acho que isso, para ele, é muito especial.

Solange - Realmente, ele é uma figura importante para o projeto. É fundamental essa questão de tornar as crianças responsáveis, uma vez que elas se interessam por algo e se sentem produtivas. Elas criam um vínculo e se sentem

autoras de alguma coisa que vai ser mostrada para os outros, que vai ser valorizada...

Terezinha - Isso mesmo. Faço muita questão de dizer a eles: “Olha, vocês estão representando a escola de vocês. Vocês têm que cuidar da escola, que é um lugar bom para vocês ficarem...”. O fato de representarem a escola os encheu de orgulho e os ajudou a se comprometerem mais.

Solange - Há alguma referência da época de escola que tenha sido relevante para sua vida?

Terezinha - Tenho a lembrança de professoras boas e de professoras que não considerei boas. Sobre essas últimas, sempre pensei: “Nunca vou fazer aquilo que elas faziam”. E as professoras boas ficaram marcadas principalmente pelo carinho que tinham com a turma. Não particularmente comigo porque, no meu tempo de escola, o ensino era bem diferente, não tínhamos um contato muito direto com a professora. Era a turma sentada ali e o professor lá na frente. Mas quando as professoras eram interessadas nos alunos e transmitiam um carinho, nós sentíamos. Então, guardei na minha lembrança as coisas boas dessas professoras, que às vezes eram até rigorosas, mas também eram carinhosas com a turma.

Solange - Então você tem clareza da importância do professor na relação com o aluno...

Terezinha - O primordial na escola é o relacionamento do professor com o aluno, no sentido afetivo. Se o professor conseguir afetar o aluno, ele vai conseguir até que a criança produza mais, se interesse mais pelas aulas... Nesses anos todos de trabalho, pude constatar que sempre que o professor estabelece



“Nesta experiência, tive a oportunidade de trabalhar com crianças de Educação Infantil a 4ª série... Foi tudo muito interessante porque me possibilitou entender concretamente que o professor pode e deve lidar com as diferenças”

“ Na verdade, são poucas as chances que as crianças têm de viver como crianças, principalmente no mundo atual ”

tura, é claro que contar histórias é uma das minhas funções. Por isso, procurei melhor essa maneira de contá-las. Foi aí que eu fiz o curso para contar histórias usando tapetes. Fiz meus próprios tapetes e criei meu projeto, *Os tapetes que contam histórias*. Conto dessa maneira: sentados em volta do tapete, eles se reportam à história mexendo nos bonecos, criando novas histórias...

Maria Cecília - Como você escolhe essas histórias?

Terezinha - Quando fiz o curso, aprendi que deveriam ser histórias que me agradassem, que tivessem alguma coisa a ver comigo. Se eu escolher uma história que não me agrada, leio, releio, e não consigo fazer o tapete. Tenho que me envolver com a história, assim eu consigo.

Solange - E quem contava histórias para você na sua infância?

Terezinha - Minha avó. E faço muita questão de contar histórias para meu neto. Ele adora ouvi-las, adora brincar com meus tapetes... Na escola, não me lembro de nenhuma professora contando histórias para as turmas. Era muito raro, só quando vinha alguém de fora, tinha alguma apresentação...

Fernanda - O que é ser criança na sua opinião?

Terezinha - Sempre achei que ser criança é, às vezes, ter momentos bons e, às vezes, ser bem sacrificada. Frequentemente o adulto não entende a criança, quer que ela se comporte como um adulto... E elas não têm essa liberdade toda. Costumamos dizer: “Ah, ser criança é maravilhoso!”, “A criança vive no mundo da fantasia...”. Na verdade, são poucas as chances que as crianças têm de viver como crianças, principalmente no mundo atual. Elas têm muitas atividades, têm problemas familiares, que fazem com que não possam ficar “sem fazer nada” - quer dizer, estar com elas mesmas, brincando com os brinquedos delas... Não têm mais um quintal para brincar, como eu brinquei. A gente vivia numa casa, tinha liberdade para ficar só brincando... E hoje as crianças são mais sacrificadas nesse aspecto. Acho que a infância da criança não é muito feliz se ela não brincar.

uma relação de afeto, de respeito com o aluno este se desenvolve mais emocionalmente e seu aprendizado melhora.

Fernanda - E a experiência de contar histórias, como surgiu na sua vida?

Terezinha - Eu gostava de ouvir histórias e sempre admirei as pessoas que as contavam. De uns tempos para cá, trabalhando na Sala de Lei-

Solange - Essa idéia romântica da “infância feliz” talvez seja algo que ficou no passado. Hoje, a criança já enfrenta uma série de adversidades, participa de muitos problemas...

Terezinha - Isso! No meu tempo de infância, tínhamos o quintal para brincar. Então, até dos problemas de casa participávamos muito pouco porque ficávamos o dia inteiro brincando no quintal, com os brinquedinhos, com as pedrinhas, com as árvores, com as frutas, com os animais... A gente voltava para dentro de casa na hora das refeições, de fazer os trabalhos da escola... Mas tinha um momento só nosso, de ser criança. Talvez algumas crianças de hoje não tenham isso - elas têm que ficar na frente do computador, têm um amigo virtual...

Maria Cecília - Como você lida, no seu dia-a-dia, com a realidade dessas crianças?

Terezinha - A realidade dessas crianças daqui (da escola municipal, de uma classe mais sofrida) é uma realidade triste. Quando eu converso com elas, vejo que muitas já têm que tomar conta dos irmãozinhos menores, ficam sozinhas cuidando da casa... Então, o momento em que elas vêm para a Sala de Leitura é o momento que elas têm para conversar, para contar as coisas da vida delas e para se tornar crianças por um momento. Às vezes elas chegam aqui um pouco agitadas, querendo tumultuar o trabalho. Mas depois que entram no clima da Sala de Leitura, vemos

que são crianças mesmo e que talvez não tenham a oportunidade de mostrar isso nos outros ambientes onde vivem. Na verdade, a Sala de Leitura é um lugar de acolhimento que oferece ao aluno a possibilidade de se expressar de todas as maneiras. É onde ele tem a oportunidade de falar. Hoje fiz uma atividade com uma turma sobre o medo. Deixei que conversassem sobre seus medos, depois pedi para cada um me contar. Aí, eles contam muitas coisas. Contam até da família da qual eles têm medo, da violência que eles vivem no dia-a-dia...

Fernanda - E você acha que essa possibilidade tem a ver com o contar histórias para eles?

Terezinha - Contar histórias para crianças é entrar no mundo da fantasia. Elas se reportam a este mundo e conseguem até elaborar alguns conflitos por meio das histórias que ouvem. Depois, elas se expressam. A forma como falam de um certo personagem, como *se vestem* deste personagem, permite que expressem o que estão sentindo: alguma tristeza, alguma alegria, alguma frustração, alguma coisa que elas gostariam e nunca vão ter...

Solange - Qual o maior medo que geralmente aparece?

Terezinha - De bala perdida, de perder os familiares, de entrarem na casa deles (os bandidos ou a polícia). Porque os outros medos - de fantasma, de monstro -, eles sabem que

são parte da imaginação. Eles já estão vivendo com um medo concreto.

Maria Cecília - E como é, para você, escutar isso deles?

Fernanda - Você citou um projeto interessante da Sala de Leitura. Você acha que existe uma diferença entre o Juro que Vi e esses outros projetos daqui?

Terezinha - Este projeto **Juro que Vi** é totalmente diferente dos outros que a gente faz aqui. As crianças tiveram a oportunidade de criar o personagem e a história, na interação que foi feita. Achei muito interessante porque descobri que, infelizmente, os alunos não conhecem muito sobre a nossa cultura. E eles ficaram muito interessados em saber sobre a história do Curupira, depois da Iara e do Boto...

Maria Cecília - Você sentiu alguma continuidade desse interesse depois das oficinas acabarem?

Terezinha - Eles sentiram necessidade de conhecer mais. Até achei que os professores resolveram também falar um pouco dos nossos mitos, do nosso folclore.

Solange - Quer dizer que isso desencadeou um processo dentro da escola...

Terezinha - Os professores se envolveram com esse tema. Estamos emprestando livros e fazendo atividades relacionadas a ele.

Solange - O que você diria sobre a possibilidade de as crianças oferecerem um conhecimento delas - que muitas vezes não é reconhecido socialmente - para a realização de um produto? O que isso pode ensinar à escola?

Terezinha - Um ensinamento importante que nós tivemos é que, se a gente parar para ouvir o que a criança tem a dizer, a gente só tem a aprender. Nesse trabalho, muitas vezes, na hora

“ Às vezes elas chegam aqui um pouco agitadas, querendo tumultuar o trabalho. Mas depois que entram no clima da Sala de Leitura, vemos que são crianças mesmo e que talvez não tenham a oportunidade de mostrar isso nos outros ambientes onde vivem ”

“Está faltando à escola ouvir o aluno. Quando a escola pára para ouvi-lo, descobre que ele tem muito para falar e contribuir para o trabalho desenvolvido ali”

quanto professores de turma, fizéssemos mais atividades em que o aluno pudesse se expressar, acho que o resultado seria bem melhor. Isso iria ajudar também nas mudanças dos nossos projetos, nos encaminhamentos, na avaliação... Está faltando escuta na escola.

Maria Cecília - Haveria espaço para esse tipo de projeto nas escolas, sem a presença de uma equipe de fora?

Terezinha - Acho que sim. À medida que o professor fica sabendo qual é o projeto da Sala de Leitura, ele também se interessa em contribuir, elaborar, deixar seus alunos participarem. Temos tido resultados bons aqui com outros projetos

de fechar algum personagem ou criar outro, era a opinião do aluno que trazia uma conclusão mais interessante. Está faltando à escola ouvir o aluno. Quando a escola pára para ouvi-lo, descobre que ele tem muito para falar e contribuir para o trabalho desenvolvido ali. Nós já estamos no século XXI e ainda não estamos ouvindo bem o nosso aluno. Se nós, en-

oferecidos aos professores.

Fernanda - Se você tivesse que falar sobre essa experiência para os outros professores, o que diria a eles?

Terezinha - Que eles não tenham medo de fazer um trabalho diferente. Quando vocês trouxeram essa proposta, eu vi que era um trabalho diferente de tudo o que eu já tinha feito. Foi uma experiência supernova para mim. E agora estou vendo que ela foi gratificante em todos os aspectos. E que o professor não tenha medo de tentar mudar a maneira como ele está acostumado a trabalhar com seus alunos.

Algumas reflexões sobre o trabalho das Salas de Leitura...

Depoimentos como o da professora Terezinha Amorim reafirmam a riqueza e diversidade de possibilidades do trabalho desenvolvido nas Salas de Leitura existentes nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

A Promoção da Leitura e a Formação do Leitor são dois pilares da proposta, cujo diferencial se constitui a partir da organização do próprio espaço físico, bem como pela possibilidade de acesso diferenciado a diversos materiais de leitura, considerando, inclusive, o contexto das diferentes mídias, suas estéticas, linguagens e suportes textuais. Assim, a construção de uma relação afetuosa entre leitores e leituras orienta o caminho na direção de uma metodologia que busca privilegiar o prazer de ler com/para os alunos, por meio de projetos de trabalhos que viabilizem aos atores envolvidos não só o contato, mas a apropriação dos diferentes modos de produção dos discursos e o diálogo com eles.

Entendemos que, desse modo, as trocas entre os sujeitos (de desejo) e os textos do livro, do jornal, do rádio, da TV, do computador etc. estarão cada vez mais sintonizadas com a perspectiva *freireana* de “leitura de mundo”, seus sentidos e significados na escola hoje.

Simone Monteiro de Araujo

Diretora da Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação

Experiência resgata sucesso escolar

Professora monta loja com turma de Aceleração em escola de Pilares

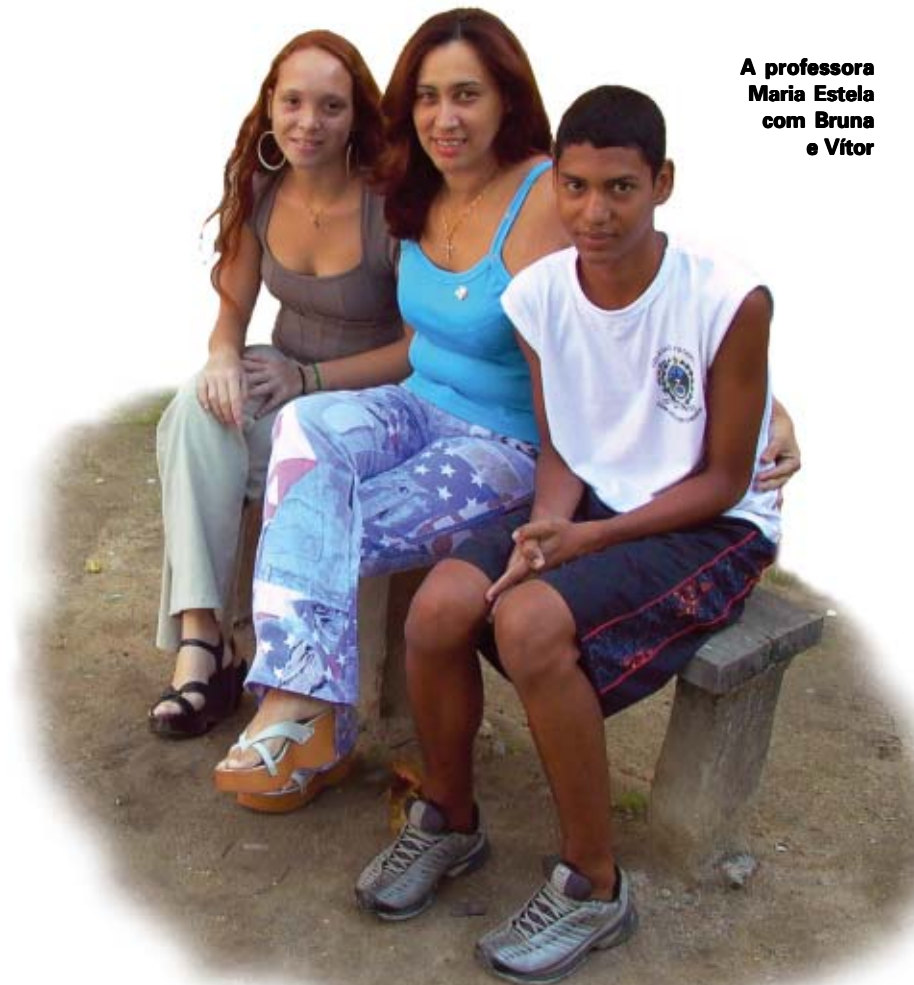
Jovens entre 10 e 15 anos sem motivação, com auto-estima comprometida e comportamento agressivo, reunidos em uma das várias turmas de aceleração de aprendizagem criadas nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro. A experiência de trabalhar com esses alunos poderia ser mais uma em meio a tantos outros desafios enfrentados pelos professores da Prefeitura, não fosse pela dedicação, criatividade e competência de Maria Estela da Silva Freitas.

Professora regente das séries iniciais do Ensino Fundamental, Maria Estela assumiu a turma de aceleração da Escola Municipal Maria Isabel Bivar em agosto de 1998. Eram 28 alunos com sérias dificuldades de aprendizagem. No final de quatro meses de trabalho 30% deles avançaram para a série seguinte e 70%, para duas à frente. Receita do sucesso: *Loja Acelera, a um passo da liberdade.*

É isso mesmo, uma loja. Uma loja de departamentos criada na escola de Pilares e que “vendeu”, durante os meses em que funcionou, de sapato a eletrodo-méstico. O projeto foi tão bem-sucedido que rendeu frutos até o ano passado, quando Maria Estela foi à Brasília receber

das mãos do então ministro da Educação, Paulo Renato Souza, o prêmio Incentivo ao Ensino Fundamental.

Programa Livre - Ao conhecer a turma, três anos antes, ela não poderia imaginar tanto. “Me perguntava o que fazer! Como e o que ensinaria a quase 30 jovens desiludidos, cansados, que liam e escreviam pouco e que não se interessavam por quase nada referente ao conteúdo programático, e que, para piorar, viviam em ambiente de violência den-



A professora Maria Estela com Bruna e Vítor

tro e fora da escola? Optei, em um primeiro momento, por escutá-los, aprender com eles. Afinal, eram em maior número, pensamentos, palavras, atos e decisões”, lembra Maria Estela.

Com bate-papos diários, batizados de Programa Livre, ela ouvia o que seus alunos tinham a dizer e procurava identificar o que interessava a eles. Sentados em círculo eles passavam algumas horas conversando sobre os assuntos mais variados. Nesses momentos, segundo a professora, não havia preocupação com o conteúdo curricular, só com os temas debatidos pelos jovens. E um deles surgia com frequência: profissões. “Muitos dos jovens já estavam com vontade de começar a trabalhar, daí o interesse pelo assunto”, lembra a professora. Esse tema estava previsto ainda em um dos subprojetos do material preparado para as turmas de aceleração.

Pois foi exatamente o universo do trabalho o gancho escolhido por Maria Estela para desenvolver um projeto que desse conta do conteúdo curricular e fosse objeto de interesse dos alunos. “O meu objetivo era a aprendizagem rumo ao sucesso. Eu precisava valorizar e enriquecer as idéias dos alunos e ao mesmo tempo incentivar a criatividade deles. Imaginei que seria perfeito desenvolver uma atividade que não estivesse pronta, mas que surpreendesse a turma e abrisse uma janela para um outro caminho diferente daquele que eles estavam acostumados a vivenciar”, explica a professora.

Se o tema era profissão/mundo do trabalho e o objetivo era construir um projeto que surpreendesse pela inovação e atraísse o interesse, por que não simular o dia-a-dia de um estabelecimento comercial, onde seria possível vivenciar situações da rotina profissional e, ao mesmo tempo, compreender alguns conceitos/conteúdos importantes de serem trabalhados com a turma? A idéia surgiu nas conversas entre a professora e os alunos e foi levada adiante com muita expectativa por todos.

Pesquisa - Para iniciar o projeto era preciso, primeiro, saber como funcionava uma loja. Era preciso descobrir como era feita a distribuição dos cargos, o treinamento dos funcionários, a escala de trabalho, qual era o grau de escolaridade dos funcionários, a variação de preços das mercadorias, que funções eram ocupadas por mulheres e homens, como se dava o atendimento ao cliente, qual o cargo de maior responsabilidade, como funcionava o caixa etc. As respostas surgiram após uma entrevista da professora com o gerente de uma loja de departamento em um shopping próximo à escola.

De volta à sala de aula, ela e os alunos começaram a definir as seções da loja, como conseguiriam os objetos para vender, quem ocuparia que cargo e a data de inauguração. À medida que a proposta se concretizava - e o envolvimento de todos os profissionais da escola e de alguns familiares de alunos, que doaram

artigos para a loja, foi fundamental para isso -, os alunos se mostravam cada vez mais interessados pelo conteúdo das aulas, que eram planejadas, dia a dia, de modo a integrar o projeto e os conceitos a serem trabalhados.

Dessa forma, a análise de uma planta baixa, criada para organizar as seções da loja, se tornava uma interessante aula de matemática. Os conceitos matemáticos surgiam também nos cálculos necessários para definir as referências, os preços, os descontos a serem oferecidos e ajudar na contagem dos artigos adquiridos para venda. Além, é claro, na compra e venda dos produtos, pagamentos com dinheiro de mentira do jogo Banco Imobiliário. Tudo que se desenvolvia na loja, desde a contagem do estoque até o relacionamento com o público, se tornava tema de textos produzidos pelos jovens e de relatórios de atividades.

O envolvimento dos alunos com o projeto está registrado em um dos vários relatórios feitos pela professora: “Parecia que um milagre estava acontecendo. Aos poucos, os alunos começaram a conversar democraticamente e a se conscientizar sobre a importância do diálogo e do trabalho em equipe, diminuindo a violência que existia em sala de aula”. No dia da inauguração da loja, lembra Maria Estela, os alunos receberam os convidados com muita educação e respeito. “Só escutávamos por favor, seja bem-vindo e volte sempre.”

Vítor Moutinho Ribeiro, com 13 anos na época e hoje com 17, vivenciou essa mudança: “Eu tinha repetido a 3ª série, não sabia armar as contas, ficava nervoso na hora de soletrar, trocava as letras quando era para escrever e morria de vergonha de perguntar quando tinha alguma dúvida. O tempo foi passando e a maneira como as matérias estavam sendo dadas era interessante. Além disso, tinha a loja para a gente ver na prática o que a professora ensinava”.

Se trabalhar os diferentes conteúdos de forma interessante foi o que mais marcou Vítor, a vivência de situações em que uma conduta de responsabilidade era exigida foi o que ficou registrado na memória de outra ex-aluna, Bruna de Souza. “Não gostava de estudar e sempre fui rebelde. A convivência com os colegas me deu uma noção de limite e o fato de a professora deixar a loja na nossa mão (dos alunos) me fez sentir mais adulta e com uma responsabilidade que eu não tinha”, diz. A jovem, que hoje tem 17 anos, parece ter aprendido tanto com a experiência que já está trabalhando no ramo.

Quando a imaginação é a alma do negócio!

A experiência relata a construção da prática pedagógica de uma educadora comprometida e consciente de seu papel como mediadora no processo de construção de conhecimento de seus jovens alunos. O trabalho desenvolvido procurou explorar a articulação possível e enriquecedora entre diferentes objetivos pedagógicos, que envolvem o domínio de conceitos, a prática da leitura e escrita, a expressão artística e a socialização, com a experiência cotidiana, contribuindo para a aproximação entre os processos educativos e as práticas sociais. O projeto pode ser visto como uma forma elaborada de promover situações favoráveis de ensino-aprendizagem, onde é priorizado o trabalho com o cotidiano dos educandos. A educadora e os educandos conseguem construir processos significativos de aprendizagem que contribuem para responder a uma demanda do grupo de jovens envolvidos, que, antes, sofriam por serem estigmatizados nos meios escolar e social. Juntos puderam superar o estigma do fracasso, marca negativa que acompanhava o grupo por apresentar baixo rendimento escolar e problemas de comportamento, investindo em ações que viabilizaram uma “aprendizagem rumo ao sucesso”. Sucesso este alcançado e facilitado pelo empenho da educadora em envolver o grupo como um todo, acreditando que seria possível reinventar o cotidiano escolar e buscar outras formas de construir conhecimento, aliando ao saber o prazer, a imaginação, a fantasia, a criação artística e o diálogo.

No projeto coletivo de construção da loja de departamentos, a educadora incentiva e viabiliza o contato dos educandos com as diferentes linguagens expressivas e artísticas, promovendo diversas atividades que exploram a integração entre os diferentes campos do saber e destacam o papel das artes - o teatro, a música, as artes visuais - como fios condutores do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a valorização das linguagens artísticas

contribui para o resgate da dimensão ética e estética no processo de construção de conhecimento e nas práticas cotidianas vividas em grupo e pelo grupo. As formas artísticas sintetizam o olhar de quem cria e, ao mesmo tempo, convidam a uma multiplicidade de formas de ver e compreender essa produção, a si próprio, ao outro e ao mundo. Nessa tensão que envolve o diálogo entre diversos pontos de vista, podemos nos aproximar, conhecer e compartilhar diferentes idéias e sentimentos.

Ressaltamos, ainda, o potencial da educadora em fazer de sua prática educativa um ato de criação, explorando e incentivando a imaginação e fantasia como vias de acesso ao conhecimento e à reflexão e ação sobre o cotidiano escolar e a vida. Também o diálogo é compreendido como forma de produção de conhecimento e de continuidade de uma interlocução com os problemas, diferentes interesses, situações vividas, conquistas e desafios que fazem parte do cotidiano de vida dos diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender.

O caminho traçado pela educadora, ao enfatizar o diálogo, a criação, a ética e a responsabilidade, revela seu compromisso social e político e a forma como enfrenta com competência, inteligência e sensibilidade os novos desafios da educação. Sem utilizar uma fórmula pronta, investiga, pesquisa, imagina soluções, arrisca e cria alternativas, sem nunca deixar de se emocionar e de se espantar com os desdobramentos possíveis e com o encantamento da arte de ser professor.

Ana Elisabete Lopes

Doutoranda em Psicologia (PUC-Rio), Mestra em Educação (UERJ)
e Professora de Artes Visuais da Prefeitura do Rio de Janeiro

Trabalho árduo e de longo prazo

Ninguém discorda que o trânsito pode ser encarado como um indicador de desenvolvimento e progresso. Carros dos mais diferentes modelos e preços, variados meios de transporte coletivos transitam pelas cidades facilitando a vida do cidadão. Mas o que parece uma conquista dos tempos modernos é, freqüentemente, o pesadelo de muita gente que se torna vítima de motoristas descuidados.

As estatísticas de acidentes de trânsito são alarmantes. Na Cidade Maravilhosa, nos últimos três anos, os casos não diminuem; pelo contrário, aumentam. Dados da Gerência de Informações de Tráfego da CET-Rio dão conta de que entre 2000 e 2002 o número de acidentes passou de 8.979 para 12.362. Até outubro deste ano já foram contabilizados 8.701 casos.

"Essa campanha é ótima, até no sinal estão entregando panfletos. Como *motoboy* ando muito pela cidade e tenho visto as faixas espalhadas por todo canto. Prevenir acidentes é sempre importante."

David Brito Lira, *motoboy*

"É superválida qualquer tipo de iniciativa a favor da educação no trânsito. É preciso que as faixas se estendam por toda a cidade de maneira ostensiva. Quanto mais, melhor."

Diana Ferreira, estudante

"Acho interessante, legal mesmo. Mas as faixas deveriam estar em locais de maior visibilidade, mais bem colocadas. Mas a iniciativa é boa."

Venceslau Melo, taxista

"A iniciativa é boa, claro, mas o problema é que a maioria das pessoas não respeita as regras. E o pior é que a gente vê esse desrespeito e não pode fazer nada. Educação no trânsito é uma coisa complicada e que leva tempo. Em qualquer país civilizado do mundo campanhas assim são feitas."

Reginaldo dos Santos, zelador

"O processo de conscientização é esse mesmo. As pessoas só vão se tornar mais educadas no trânsito se aprenderem que devem se respeitar e respeitar as leis de trânsito.

Quanto maior o número de campanhas nesse sentido, melhor, mesmo com resultados a longo prazo."

Gustavo Ramiro, advogado



Prática docente e pluralidade cultural

“Os que vêm a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; os que vêm a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas. Ao contrário é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade, diversidade que se inscreve na unidade.”
(Edgar Morin, 2000)

O ensino de ciências tem por objetivo a aquisição dos conteúdos específicos da disciplina e a formação de cidadãos críticos em relação aos avanços tecnológicos e das diferentes áreas do conhecimento. Na verdade, o ensino de ciências (e de qualquer outra disciplina) como uma prática que atenda à diversidade, e que nos é apresentada no novo milênio, nos põe diante de uma série de questões que exige por parte de professores preocupados reflexões críticas e constantes.

Gostaria de destacar o que considero perguntas relevantes para a prática docente numa abordagem sociocultural, sintonizada com a escola e com a sociedade atual: que tipo de ciência ensinar em um uni-

verso multicultural¹?; como ensinar ciências em um universo multicultural?; como ensinar ciências a grupos cujas visões de mundo são significativamente distintas da ciência ocidental, dominante?; como lidar com a visão cultural de segmentos populacionais minoritários, que estão em nossas salas de aula, sem que para isso venhamos a desconsiderar suas crenças e valores?; existe uma ciência universal?; o que fazer com outras formas de ler/interpretar o mundo? E as dúvidas não param por aí. Como dar conta de responder a todas essas perguntas, cotidianamente, dentro de nossa realidade possível, é uma outra questão que merece atenção.

As respostas não estão prontas e serão fruto de reflexões exaustivas, no centro da escola. Aceitar as diferenças parece ser o caminho mais democrático, mas será o mais fácil? Como intervir, quando muitas vezes nós não aceitamos a diversidade? O que significa ser educador numa perspectiva pluricultural? Tomando a diversidade como “diferença” ou “problemática” e como mais uma tarefa que recai sobre o professor, não avançaremos muito.

Primeiramente, temos que abrir mão de nossa crença como a única possível. Precisamos perceber que existem variadas formas de se ler e compreender o mundo, há a visão da ciência (do conhecimento científico), a visão da escola, da religião, das experiências pessoais e cotidianas... Diante dessa diversidade de verdades e de interpretações, como trabalhar, por exemplo, com conteúdos científicos (clonagem, evolução das espécies, aborto e anticoncepcionais) que muitas vezes se contrapõem às questões religiosas?

Tendo em vista que não há um conhecimento único, isolado, superior, mas sim com diferentes significados e explicações que irão se adequar ao contexto em que estiverem inseridos, proponho que devemos partir do respeito às crenças e às diferenças, procurando estabelecer os contrastes entre cada uma dessas explicações, e, a partir das divergências e choques que serão estabelecidos, permitir que os alunos discutam o melhor caminho ou as soluções possíveis.

Aquilo que o aluno aprende fora da escola, informalmente, ou que faz parte da sua cultura (ou história) pode estar cientificamente “errado” ou referir-se a apenas parte do conhecimento. Muitas dessas formas de

saber populares, religiosas não podem ser simplesmente esquecidas e substituídas por outras. Muitas vezes, atividades propostas pelo professor de ciências não são aceitas por grupos de alunos (exemplo: entoar cânticos, utilizar animais para dissecação ou observação), por ferirem crenças e heranças culturais. No entanto, o papel da educação formal deve ser de auxiliar na construção de conhecimentos mais próximos da “verdade científica”.

Dessa forma, cabe ao ensino das ciências valorizar os recursos da comunidade, incluindo seus “saberes”, no sentido de envolver todos os sujeitos na elaboração de seu projeto político e pedagógico. Afinal, não se aprende somente na escola; a família, a sociedade também são co-responsáveis pela aquisição de conhecimentos e, principalmente, de valores.

A escola deve trazer à discussão questões relativas aos direitos humanos. Práticas de discriminação aos portadores de deficiência (ou melhor, portadores de direitos especiais, como afirma Frei Betto), às etnias, ao sexo, às diferentes religiões devem ser discutidas de forma crítica, a partir de conceitos como ética, cidadania e solidariedade.

A valorização de questões sociais trazidas pelos alunos pode propiciar projetos baseados nos interesses dos grupos e favorecer a aquisição de conceitos científicos,

a busca de respostas por meio de pesquisas, experimentos, trabalhos colaborativos, etc. Dessa forma, são valorizadas as questões do dia-a-dia, com as quais os alunos têm familiaridade. Esse aspecto do ensino também pode ser direcionado para a discussão de questões da atualidade que analisem o impacto da ciência e da tecnologia na sociedade e na cultura moderna.

A educação em ciências, numa perspectiva sociocultural, deve valorizar a participação dos diferentes segmentos na construção da sociedade, tanto nas áreas científicas e tecnológicas, como nas áreas artísticas e culturais. Nesse sentido, a história da ciência pode auxiliar na compreensão das barreiras impostas a esses grupos sociais e amplificar a valorização de seus esforços, no sentido de ocuparem lugares sociais ditos de destaque.

Um importante passo, na direção de tornar parte do dia-a-dia escolar a discussão sobre assuntos relativos à pluralidade cultural², foi dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que a incluíram como tema transversal, mas isso não é tudo.

Em nosso país, considerado por muitos como uma democracia racial, temos passado ao largo de discussões fundamentais, principalmente nas escolas. Enquanto educadores e cidadãos, necessitamos refletir e nos inteirar de questões relacionadas aos indígenas, aos negros, às diferenças religiosas e de gênero, entre outras, para que possamos atingir a meta de incorporá-las de fato às disciplinas do currículo

escolar.

A heterogeneidade deve ser reconhecida como um acervo a ser preservado. Somos um país com 44% de população negra (Mindlin, 1998), com cerca de 200 línguas e povos indígenas, temos imigrantes de todas as partes do planeta, os grupos religiosos são diversos - budistas, muçulmanos, católicos, protestantes, entre outros -, possuímos uma enorme massa de brasileiros sem-terra ou desterrados pela seca. Esses segmentos populacionais “minoritários” são a representação de nossa brasilidade.

Como diz Mindlin, “descobrir o Brasil como ele significa formar cidadãos orgulhosos de suas múltiplas raízes, atentos para os direitos humanos, os direitos dos povos, o direito à diferença”. Para nos orgulharmos, precisamos nos conhecer, redescobrir o que é ser *Brasileiro*, tornando-nos capazes de estabelecer relações entre o equilíbrio democrático, a consolidação do pleno cumprimento de direitos, a coexistência de diferentes grupos e a nossa própria vida.

Cláudia Lino Piccinini

• Professora do Projeto Fundação Biologia/NADC - UFRJ.

• Professora do Centro de Educação Ambiental do PARNA Tijuca - Ceamp e da E.M. República do Peru (3ª CRE).

¹ “A pedagogia multicultural é uma prática sociopolítica que é anti-racista, anti-sexista e anti-homofóbica.” (McLaren, 1998).

² “A temática da pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira...” (PCN, 1998).



Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15-9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Práticas pedagógicas: desafios e soluções

É difícil identificar todos os significados da expressão prática pedagógica, tão habitual aos professores e presença constante nos espaços escolares. Tudo o que acontece na relação entre professores e alunos chamado de “prática” pode sugerir que exista uma única forma de se vivenciar ações educativas como as normalmente conhecidas: “mão na massa” ou “trabalho concreto e paupável”. Para que não seja assim, para que o sentido da expressão não se reduza a um rol de atitudes destituídas de significados, sem o colorido do imprevisível da fantasia, da imaginação e da criatividade, torna-se necessário esclarecer o que pode ser definido por ela.

Entende-se por prática pedagógica o conjunto de atos, de reflexões, de procedimentos intencionalmente educativos, que se formalizam em sala de aula, com o objetivo de favorecer a constituição de conhecimentos, de conceitos e de valores de alunos, sob a in-termediação do professor e com a possibilidade de extrapolar os muros da escola.

Esses atos, reflexões e procedimentos que caracterizam as práticas pedagógicas nunca estão isentos de determinadas teorias, ainda que **sem/com** identificação ou intencionalidade de escolha. Também não existem práticas pedagógicas desconectadas de ideologias. Elas, necessariamente, se sustentam em algumas supostas certezas sobre o que seja o binômio ensinar/aprender. As práticas pedagógicas trazem em seu bojo, ainda, as marcas do tempo, da história, da cultura, das experiências prévias de cada um dos alunos e do(s) profes-sor(es) que compõem uma turma.

Essa pode ser a justificativa para que entendamos por que turmas de mesma série, numa mesma escola, uma ao lado da outra, podem vir a desenvolver práticas pedagógicas bastante diferenciadas sobre uma mesma idéia, assunto ou tema. Os con-

ceitos que precisam ser constituídos, por meio do trabalho com os conteúdos escolares, entremeados nos valores que permeiam a vida cidadã, devem ser objeto de trabalho diário do professor com seus alunos.

No entanto, a forma como cada professor desenvolve sua prática, a maneira como cria recursos ou como utiliza os existentes, as metodologias e estratégias que escolhe, a forma como organiza o espaço da sala de aula, mais ou menos interativo, com ou sem a participação dos alunos, os trabalhos expostos nos murais, a organização da sala de aula não só impactam as práticas pedagógicas, mas falam por elas. E funcionam como indicadores de como são estabelecidas as relações do professor com seus alunos e os conhecimentos que norteiam o trabalho desenvolvido.

O “andamento” diferenciado de cada turma deve ser valorizado porque acredita-se que um grupo de alunos com seu professor constitua um todo muito peculiar, formado de gente necessariamente diferente e que traz também, para dentro da escola e da sala de aula, suas questões de vida, suas histórias, seus valores, preferências e comportamentos, a história de suas famílias, de seus bairros, de suas comunidades etc.

Via de mão dupla - Isso nos faz crer que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola saem dela e chegam às famílias, aos amigos de rua. Da mesma forma, o que cada um vive fora da sala de aula chega à escola, à sala de aula, pelos alunos, professores e famílias. Essa via de mão dupla nos faz perceber, portanto, que a escola é parte integrante do mundo e como qualquer outra instituição social viva e atuante sofre, interage, influencia e é influenciada pelos desafios da sociedade da qual é parte, do seu tempo e da sua história.

Muitos professores identificam as questões ligadas às mudanças nos modelos de família e à violência como os principais desafios à prática educativa. Temas que, na verdade, sempre fizeram parte das reflexões de quem trabalha com crianças, jovens e adultos na escola. O que talvez torne essas questões

Na página anterior, da esquerda para a direita - José Carlos Bianco, Patrícia Bezerra, Beatriz Bezerra, Juliete Lopes, Wallace Farias e a professora Vanessa Medeiros Gomes da E.M. Shakespeare

mais complexas hoje do que ontem seja a velocidade com que surgem, se manifestam e se transformam.

Nas últimas décadas temos assistido a transformações profundas na estrutura da família. O Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) mostrou que em 10 anos a proporção de domicílios comandados por mulheres passou de 18 em cada 100 (em 1990) para 1 em cada 4. Nas populações de baixa renda, cerca de 55% dos lares são chefiados por mulheres, viúvas, solteiras ou separadas. A pesquisa mostrou ainda que 2% das residências brasileiras têm o homem como aquele que cuida sozinho da educação dos filhos, mesmo tendo que sair para trabalhar. Não há dúvidas de que, em todas essas situações, o tempo para prestar atenção no que está acontecendo na vida escolar dos filhos é reduzido.

Cobranças - E a escola se ressentiu disso. Uma outra pesquisa feita em 2001 pelo Observatório do Universo Escolar e pela ONG La Fábrica, com o apoio do Ministério da Educação, aponta que 93% dos professores já se sentiram cobrados em certas ações que, na opinião deles, caberiam, na verdade, às famílias. Um outro dado mostra ainda que 70% deles acreditam que os pais não participam da educação dos seus filhos.

O mesmo levantamento, intitulado *Escola e família: instituições em conflito?*, revela que 57,3% dos professores ouvidos atribuem à família a responsabilidade pela indisciplina dos filhos na escola. Essa espécie de jogo de empurra deixa claro que existem expectativas de ambos os lados e que, nem sempre, são correspondidas. Família e escola estão em constante transformação, como tudo na sociedade, redefinindo sua estrutura, seu significado e seu papel social.

Nesse descompasso da relação entre a família e a escola, a violência, seja ela concreta ou simbólica, aparece como um aspecto que merece atenção de ambos os lados. Na apresentação do livro *Violência nas Escolas*, resultado de uma ampla pesquisa sobre o tema feita pela Unesco, de mesmo nome e realizada no ano passado em todo o Brasil, Jorge Wertheim, diretor da Unesco no Brasil, escreve: “as violências nas escolas têm identidade própria, ainda que se expressem mediante formas comuns, como a violência de fato ou como incivildades, preconceitos, desconsiderações aos outros e à diversidade. Realizam-se, ainda, no plano simbólico, correndo o risco de naturalizar-se, principalmente quando têm lugar nas ligações entre pares, alunos. E se infiltram nas relações entre professores, outros funcionários e alunos”.

A abrangência do fenômeno da violência é tal que todas as relações possíveis no ambiente escolar são afetadas. Portanto, recomenda Wertheim, “todos os atores e suas relações sociais devem ser considerados” na hora de se pensar soluções para os conflitos.

Soluções inovadoras - A pesquisadora Miriam Abramovay, da Faculdade de Educação da Universidade Católica de Brasília e vice-coordenadora do Observatório Brasileiro da Violência na Escola, acabou de divulgar o resultado de um estudo feito por sua equipe, em 146 escolas de 14 estados brasileiros. Todas as institui-

ções pesquisadas conseguiram, com soluções inovadoras e criativas, prevenir e enfrentar os episódios de violência. A pesquisa da Unesco, intitulada *Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas*, contou com o apoio da Fundação Kellogg, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, do Ministério da Educação e da UNI-Rio.

As iniciativas adotadas pelas escolas, e as conseqüentes mudanças na rotina de alunos e professores, são importantíssimas se levarmos em conta os dados sobre brigas, indisciplina e agressões no ambiente escolar relatados na mesma pesquisa. Um dos principais problemas enfrentados pelas escolas é a incidência de brigas entre alunos (62,9%). Foi possível observar ainda outros itens associados à idéia de indisciplina e quebra do pacto de convivência, como alunos

indisciplinados (53,1%), agressões morais (28%), discriminação (22,4%), ameaças aos professores (25,9%), ameaças em geral (22,4%) e falta de respeito (42%).

A violência que aparece no cotidiano escolar, assim como outros problemas que surgem em sala de aula, não podem ser resolvidos de imediato pelos professores, pois demandam tempo e empenho na busca de caminhos. Caminhos que sugerem, necessariamente, que se repensem as concepções e práticas pedagógicas, as quais devem ter como objetivo a humanização dos indivíduos, a constituição de cidadãos éticos, políticos, críticos, participativos, criativos e que acolham as diferenças.

Mudança de rumo - Trata-se de uma prática educativa que não esteja centrada apenas nos processos de ensino, de qualificação, letramento ou matematização. Mais do que isso, um

trabalho que faça da escola um espaço de escuta, de diálogo e de respeito pela forma que cada um tem de aprender, de pensar e de ver o mundo.

Entendendo a educação dessa forma, alguns problemas que surgem no dia-a-dia da escola e que são vistos como entraves ao êxito, como os já citados atos de violência e a relação nem sempre próxima entre família e escola, além do número excessivo de alunos na sala de aula, são, no mínimo, atenuados. Seja pela construção de um currículo participativo com a comunidade, pelo respeito do saber e do ritmo de cada estudante, pelo diálogo ou simplesmente pelo estabelecimento de direitos e deveres.

“Cada professor poderia, para começar, tentar mostrar, por exemplo, que os conteúdos que ensina em suas aulas não estão isolados, mas se relacionam de algum modo com tudo que o aluno aprende na escola. Seria de grande importância que os estudantes percebessem que determinadas disciplinas são ferramentas instrumentais para auxiliar na compreensão dos conhecimentos, enquanto outras compõem a cosmologia contemporânea e outras ainda procuram explicitar a vivência e a apreensão histórica do espaço humano”, destaca Sílvio Gallo, professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Unicamp.

Trata-se, portanto, de nova tomada de decisões. Decisões que, conseqüentemente, implicarão em novas práticas pedagógicas, em nova constituição de conhecimentos e valores, em uma nova constituição de escola e de indivíduos. No livro *Ensinar: agir na urgência, decidir*



Fotos de Patrícia Alves Dias e Bruno Ribeiro

O contato com diferentes linguagens deve fazer parte do cotidiano escolar

Transpor as paredes da sala de aula amplia as relações entre professor, aluno e o conhecimento



na incerteza, Philippe Perrenoud, doutor em sociologia e antropologia, indaga e ao mesmo tempo explica o que significa tomar decisões no cotidiano da sala de aula: “Tomar decisões significa fazer escolhas, julgar, avaliar o que é melhor, correr riscos, utilizar conhecimentos ou informações como elementos importantes nesse processo, saber argumentar, enfrentar situações-problema, elaborar propostas, compreender fenômenos, enfim, participar como sujeito ativo em um sistema complexo. Saber tomar decisões implica desenvolver autonomia, ser responsável pelas ações e por suas conseqüências, levando em conta os limites do processo de desenvolvimento dos alunos.”

Superando obstáculos - Há alguns anos, uma professora de uma escola em Pilares, Zona Norte do Rio, exerceu com muita eficiência o seu papel de professora ao optar por um caminho inovador para trabalhar com alunos com defasagem séri-idade. Ela criou com eles uma loja na escola e conseguiu, ao final de alguns meses de intenso trabalho, mediar o comportamento agressivo, indisciplinado e desinteressado dos jovens, que passaram a se empenhar para fazer funcionar um projeto que beneficiou diretamente a eles e toda a comunidade escolar. A história desse trabalho, que se encaixa bem nas observações feitas por Gallo e Perrenoud, está contada na matéria da página 11 desta revista e revela como, ao seguir o caminho da criação, da responsabilidade, da ética, do diálogo com estudantes, pais e funcionários, a professora conseguiu enfrentar com sensibilidade e competência os desafios que lhe foram propostos.

Em todas as escolas “inovadoras” apontadas na mais recente pesquisa da Unesco, coordenada pela socióloga Miriam Abramovay, o caminho do diálogo, da parceria entre todos os integrantes da comunidade escolar, adotado também na escola de Pilares, foi condição principal para o êxito do trabalho de prevenção e superação dos atos violentos, junto com outras iniciativas como: a valorização do professor, do aluno e da escola, o trabalho coletivo, a ressignificação do espaço físico, o incremento da sociabilidade, a construção de um sentido de pertencimento e a incorporação de manifestações culturais na rotina.

Para a socióloga, é importante que na busca de soluções de conflitos ligados à violência pais, alunos e professores sintam-se parte do ambiente escolar. Para tanto, ela propõe que a escola esteja aberta não só durante a semana, mas também nos fins de semana, para atividades de lazer. “Isso quebra um pouco a idéia da escola voltada para ela mesma, revitaliza a instituição e cria um processo de pertencimento dessas crianças, jovens, suas famílias, além dos

professores, quanto ao espaço escolar.”

Uma outra iniciativa que está sendo bastante discutida pela equipe do Observatório Brasileiro da Violência na Escola é a possibilidade de alunos mediar os conflitos ocorridos no espaço escolar. Em uma escola municipal carioca uma experiência semelhante, descrita na matéria da página 24 desta revista, está em curso e com resultados positivos.

A idéia de destacar jovens alunos para ficarem atentos aos problemas que acontecem entre os estudantes está relacionada à dificuldade de a equipe de professores, diretores e outros funcionários conseguir dar conta de tudo que ocorre e, sozinha, encontrar a solução. “Os jovens conversam mais abertamente com outros jovens e os problemas vêm à tona com mais facilidade”, observa Miriam Abramovay. Ao dar ao aluno a oportunidade de mediar os conflitos, a equipe da escola consegue despertar nos jovens um sentimento de auto-estima forte.

Segunda Guerra deu origem à Defesa Civil

No Rio de Janeiro, instituição foi criada em 1976

Durante a Segunda Guerra Mundial, bombardeios aéreos destruíram cidades inteiras na Europa e no Japão. Ruas bloqueadas por escombros impediam a fuga das vítimas e a chegada de socorro. Serviços de água, esgoto, energia elétrica, gás e telefone eram interrompidos - piorando ainda mais a situação. Conseqüência: milhares de pessoas morriam soterradas, feridas e queimadas. Para tentar resolver os problemas, os países envolvidos no conflito criaram uma organização de trabalho chamada Defesa Civil. Policiais, bombeiros, médicos, engenheiros e voluntários se reuniam para planejar o que fazer antes, durante e depois dos ataques para proteger os cidadãos. O resultado foi positivo e, desde então, o projeto de Defesa Civil começou a ser implantado em diversas cidades do planeta. Não apenas para minimizar os danos causados pelas guerras, mas, principalmente, para trabalhar na administração de desastres que ocorressem em suas cidades.

Foi exatamente por esse motivo que foi criado, em 1976, a Defesa Civil do Município do Rio de Janeiro, com a peculiaridade de organizar uma estratégia de defesa permanente contra os desastres e as calamidades públicas da cidade, como incêndios de grande porte, desabamentos de prédios, inundações e desli-zamentos de encostas, freqüentes com a chegada das chuvas de verão. Durante essas ocorrências, a Defesa Civil

ficaria responsável pelo acionamento e coordenação dos recursos necessários para a redução dos riscos, contenção das ameaças e proteção das propriedades e da população.

Passados quase 30 anos, a instituição segue o mesmo desafio. Mas, ao mesmo tempo, procura desenvolver junto aos cariocas um trabalho voltado para a prevenção de acidentes e desastres, como explica o Capitão Edmundo Braga Martins, do Departamento de Planejamento e Pesquisa da Defesa Civil: “Estamos as 24 horas do dia de prontidão para receber as chamadas locais e prestar o nosso serviço. Mas também realizamos campanhas, palestras e cursos voltados para a prevenção de acidentes e desastres”.

Ídolos do esporte - O trabalho vem sendo realizado nas associações de moradores, com grupos de porteiros e voluntários, nas Regiões Administrativas da cidade, e nas escolas da Prefeitura do Rio. Desde o ano passado, equipes percorrem as unidades escolares para orientar alunos e professores. Os profissionais de educação ainda podem participar de um curso gratuito de primeiros socorros.

A entidade realiza projetos em parceria com outros órgãos públicos. Com a Empresa de Limpeza Urbana da Cidade do Rio (Comlurb), por exemplo, a Defesa Civil formará agentes especializados na prevenção de acidentes e desastres. A primeira turma, composta em parceria com uma universidade, contará, inicialmente, com cerca de 50 pessoas. A proposta é descentralizar os serviços e socializar os conhecimentos, incentivando a criação de pequenos núcleos de defesa civil comunitária-rios, o que já acontece nos bairros do Andaraí, Vila Isabel, Pedra de Guaratiba e Barra da Tijuca.

Além desses projetos os técnicos da Defesa Civil saem em campo, periodicamente, para fazer vistorias nas encostas da cidade, nas estruturas dos imóveis e instalações e para monitorar rios e áreas de risco da região. Os levan-

tamentos são encaminhados aos departamentos competentes do município para que sejam tomadas as devidas providências.



Defesa Civil

Rua Visconde de Santa Isabel, 32, Vila Isabel
Tel.: 2576-5665
Tel. de Emergência - 199

Para ações de prevenção ou de socorro. O serviço pode ser acionado de graça de qualquer telefone, inclusive de orelhões, sem o uso de cartão. Neste primeiro semestre, a Defesa Civil recebeu aproximadamente 6 mil ligações.

Capitão Braga, do Depto. de Planejamento e Pesquisa



Lembranças que não deixam saudades

Pesquisa da Abrapia revela que 40,5% de alunos de 5ª a 8ª séries estão envolvidos em situações de agressões entre alunos, conhecidas como *bullying*

Situação comum na rotina escolar: um aluno põe um apelido em outro, que passa a ser alvo de gozação dos colegas. Qualquer pessoa que lide com crianças e adolescentes já presenciou inúmeras cenas como essa. E muitas vezes tentou suavizar o fato encarando-o como simples brincadeira de crianças ou de jovens. Acontece que essa “brincadeira” pode ter consequências sérias para a vida de ambos os alunos e configura o que especialistas no tema chamam de *bullying*.

A expressão, originária do inglês e sem tradução para a Língua Portuguesa, compreende “todas as formas de atitudes agressivas, in-

tencionais e repetidas adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor ou angústia, e executadas em uma relação de desigualdade de poder”.

Esse conceito, inicialmente estudado na Noruega, desde o final da década de 1970, vem se disseminando pela Europa e pelos Estados Unidos e, a partir dos anos 1990, se tornou um dos focos da ação da Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), que no final do ano passado realizou uma pesquisa sobre o tema com escolas do Rio de Janeiro.

Na pesquisa foram ouvidos 5.800 estudantes de 11 instituições cariocas, duas particulares e nove públicas, de 5ª a 8ª séries. Desse total, 40,5% dos estudantes admitiram que estiveram diretamente envolvidos em atos de *bullying* em 2002, sendo que 16,9% se identificaram, apenas, como tendo sido alvos; 12,7%, como autores; e 10,9%, autores e alvos. Os 57,5% restantes negaram ter participado de situações de *bullying*.

Esses dados, segundo o Dr. Aramis Lopes, pediatra e coordenador da pesquisa, são semelhantes aos encontrados em outros países e revelam que essa questão é uma preocupação mundial. Mesmo porque não há como prever nem como avaliar a gravidade das experiências de *bullying*, como autor ou como alvo, na vida de cada criança ou jovem. Há estudos comprovando que aqueles que viveram situações de *bullying* podem ter comprometimentos emocionais de várias ordens, nem sempre de agressividade exacerbada. Não há como desconhecer também a infinita capacidade humana de refazer sua história, de ressignificar fatos dolorosos, vividos, sentidos ou imaginados. No entanto, nenhuma pessoa de qualquer idade pode ser desrespeitada, agredida, ameaçada ou negligenciada, de jeito algum, em lugar nenhum, especialmente na escola.

Reação - No Brasil, os casos de crianças envolvidas com *bullying* têm aumentado. No início deste ano, no interior de São Paulo, um menino foi à escola portando uma arma e começou a atirar contra alunos e professores, acabando por suicidar-se dentro da escola. Ele era gordo, pobre e foi alvo de gozações constantes de outros alunos, durante algum tempo. Quando ele reagiu, parece ter de-

volvido à sociedade, de forma extremamente radical, toda a agressão que sofreu. “Ou seja, ao entrar na sua escola e atirar para todo lado ele não está tentando matar apenas aquele companheiro que o agrediu, mas está atingindo a instituição escolar que não o protegeu como deveria”, explica a psicóloga Lúcia Helena Saavedra, professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia e também coordenadora da pesquisa da Abrapia. Em muitos casos, a escola não está conseguindo dar conta de “proteger” seus alunos porque, na opinião da psicóloga, a instituição “vem se esvaziando da sua função de educadora” ao se restringir à “transmissão de informações, de conhecimentos”.

De fato, a instituição escolar deve ser um espaço seguro para o encontro das individualidades, das diferenças entre as pessoas com experiências de vida variadas e conhecimentos prévios e histórias de vida muito peculiares. O professor deve ser aquele que, necessariamente, administra o encontro dessas diferenças.

A escola se caracteriza por inúmeros aspectos - sua arquitetura, história no bairro, pela comunidade de que é parte, pelos seus alunos e famílias, pelos seus professores, funcionários etc. - mas, essencialmente, pela qualidade das relações que são



Caminho das pedras

O site da Abrapia (www.abrapia.com.br e www.bullying.com.br) oferece um roteiro para se trabalhar o *bullying* na escola. Confira abaixo:

Pesquisa - Este é o primeiro passo e resume-se na aplicação de um questionário a alunos da escola, antes de receberem qualquer tipo de informação sobre o *bullying*. Apenas um pequeno texto, apresentado no momento da aplicação, tenta situar os estudantes dentro de conceitos sobre os quais se deseja obter opiniões. A idéia é mapear a incidência do *bullying* na escola, os tipos mais frequentes etc. Nem mesmo os professores devem estar cientes sobre o tema. O questionário deve ser aplicado simultaneamente em todas as turmas de um mesmo turno, evitando-se a troca de informações nos corredores ou a possível intimidação de alguns alunos-alvos de *bullying*.

Em busca de parcerias - Uma vez analisados os resultados, todo o corpo docente deve ser informado e incentivado a discutir as implicações, definindo que estratégias devem ser utilizadas durante o processo de divulgação e sensibilização dos alunos.

Grupo de trabalho - Este grupo deve ser composto por representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, incluindo professores, funcionários, alunos e pais. Com base na realidade percebida por seus membros e com o auxílio dos dados da pesquisa, serão definidas coletivamente as ações a serem priorizadas e as táticas a serem adotadas.

Opiniões - As propostas definidas pelo grupo de trabalho poderão ser submetidas a todos os alunos e funcionários, permitindo-se que sejam dadas sugestões sobre os compromissos e ações que a comunidade escolar deverá adotar para a prevenção e o controle do *bullying*.

Compromissos - A definição da relação final dos compromissos e prioridades poderá ser feita em assembléia geral com a participação de todos os alunos, professores e funcionários, ou apenas do grupo de trabalho.

Divulgação - Os compromissos e prioridades deverão ser amplamente divulgados. Diversas cópias serão afixadas em vários locais da escola.

Aviso aos pais - Os pais serão informados sobre os objetivos do projeto por meio de carta ou utilizando espaços dentro de reuniões organizadas pelas escolas.



O que você faz com o que vê na TV x O que a TV pode fazer com você

Não podemos desconsiderar hoje a importância da mídia na vida de todos nós, especialmente da televisão, que tem o maior público cativo. O número de horas diárias que crianças e jovens passam diante da TV é muito grande, sem que exista, muitas vezes, qualquer possibilidade de diálogo com adultos - familiares e educadores - sobre o que vêem e sobre suas preferências em relação à programação.

Ninguém pode quantificar nem qualificar o impacto dessa mídia na vida desse público, que compõe sua mais fiel audiência. No entanto, desconsiderar o peso dessa experiência na constituição de suas personalidades, como indicadores de modelos de comportamentos, de hábitos, de atitudes e de valores é um risco para a educação das crianças e dos jovens.

Os adultos responsáveis pela educação de crianças e jovens, sejam pais e familiares ou professores, precisam reconhecer o poder da televisão e da mídia em geral como uma das pernas do tripé responsável pela constituição de conceitos, conteúdos e valores na vida moderna. E, mais do que isso, precisam estar sintonizados com o que seus filhos e alunos estão vendo na TV.

Com o objetivo de enriquecer o debate sobre a presença da mídia, especialmente da TV, na vida de cada criança e jovem, a MULTIRIO, Empresa de Múltiplos da Prefeitura do Rio de Janeiro, vai lançar brevemente um jogo chamado CLICK TV. Destinado a alunos e professores de 5ª a 8ª séries das escolas da Prefeitura do Rio, este jogo se propõe a enriquecer o debate sobre o que eles vêem na TV, o que fazem e o que pensam a partir do que lhes é oferecido como programação.

Uma outra iniciativa da MULTIRIO nesse sentido é a realização, em abril do ano que vem, da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. O evento, que acontece a cada quatro anos em uma capital diferente do mundo, vai reunir pesquisadores, produtores e profissionais de mídia em geral, além de estudantes e professores, para discutir, entre outras questões, a qualidade da programação da mídia para o público infante-juvenil.

Maria Inês Delorme
Jornalista, Mestre em Educação,
Diretora do Núcleo de Publicações da MULTIRIO

estabelecidas dentro dela. Relações de respeito, de atenção e de acolhimento, garantia de diálogo livre e permanente, ludicidade e bom humor são quesitos imprescindíveis para a constituição de conceitos, conteúdos e valores. Em espaços educativos, onde a função pedagógica é a determinante, não poderia haver espaço para desrespeito mútuo, para qualquer tipo de violência entre alunos e destes com professores e funcionários.

Mas, como toda instituição social, que é parte do seu tempo e da história da sociedade, a instituição escolar expressa, dentro de si, toda a riqueza e a complexidade da vida que se passa fora dela.

Além disso, há alguns desafios para a ação cotidiana de alunos, suas famílias e seus professores. Em alguns casos, há turmas com número grande de alunos, e em outros, famílias ausentes; muitas vezes, os professores vivem correndo de uma escola para outra, o que dificulta o maior contato de professores, diretores e funcionários com os estudantes.

“Não há tempo para que o aluno possa ser conhecido pelos seus professores, como um todo, como um indivíduo global e único, diferente dos outros por natureza. Em muitos casos, a garotada fica solta na escola, sem ter a quem apelar, justamente no lugar onde eles deveriam ter acesso, também, a uma formação mais ampla, moral, de princípios e de valores”, diz a psicóloga Lúcia. “A vida está muito insegura para todos, em todos os espaços, e a escola, como sistema vivo, é parte dessa realidade. Como as outras instituições sociais, a escola também deixou de ser um local de segurança, tanto para os atos de violência física, quanto para os atos de dano moral”, acrescenta Dr. Aramis.

Formação - A pesquisa realizada pela Abrapia

aponta para um dado que expressa bem essa situação: os meninos falam pouco de seus problemas. Em casa, com os pais, sem dúvida nenhuma, mas também na escola não costumam recorrer a professores, diretores ou outro profissional para falar de suas angústias e preocupações. Aí, como observa Lúcia Helena, o que se estabelece como questão fundamental é a pergunta: “a quem se atribui a formação dessas crianças?”

Resposta difícil. De um lado, a família desgastada, ocupada com inúmeros afazeres e muitas vezes culpada por se omitir na formação das crianças. Do outro, a escola, que recebe uma responsabilidade que historicamente não seria dela. No foco, a criança e o jovem, que, não se pode esquecer, vivem uma época em que a mídia, em especial a TV, intermedeia as relações. A cada dia eles ficam mais tempo expostos a uma programação que, sem dúvida alguma, impacta seus comportamentos, sonhos, medos e valores.

O que a escola pode fazer, na opinião de Lúcia Helena, é tentar abrir um espaço para refletir com os pais e os alunos as mais variadas questões, inclusive o *bullying*. Ela acredita que a escola precisa estabelecer parceria com as famílias, e o professor, por sua vez, deve resgatar a sua figura de educador, de autoridade. “Isso quer dizer que ele precisaria ter um olhar global para o seu aluno, se aproximar dele, ouvi-lo e prestar atenção no relacionamento que estabelecem entre si”.

Para se ter uma idéia de como é importante essa observação, um dos dados da pesquisa fei-

ta pela Abrapia revela que 60% dos casos de *bullying* na escola ocorrem na sala de aula, de forma imperceptível ou pouco valorizada pelos professores, e não no recreio ou na porta de saída. O estudo apontou ainda os tipos de *bullying* mais comuns. O que mais aparece é botar apelido, seguido de agressão física e, por último, fofoca e difamação.

Ações - Nas 11 escolas pesquisadas, ações *anti-bullying* são realizadas desde o início deste ano. A diretora Lúcia Helena Vilarinho Chavez, da E. M. Fernando Tude de Souza, em Brás de Pina, Zona Norte, conta que lá cada turma se deu um nome usando palavras com significado positivo, como dignidade, solidariedade, respeito etc. Além disso, os alunos fizeram uma série de trabalhos sobre pessoas que praticaram o bem no passado, como Gandhi, Irmã Dulce, Betinho, e outros que estão praticando o bem no presente. Uma outra iniciativa foi criar um código *antibullying*. Nesse trabalho, toda a comunidade escolar foi envolvida.

A preocupação com o *bullying* também mobilizou a equipe da E. M. Joaquim Na-buco, em Botafogo, Zona Sul. Entre os projetos realizados este ano, o de formação de lideranças selecionou representantes de turmas para ajudar na identificação de *bullying* entre os alunos. Esses jovens funcionam como uma espécie de mediadores, avisando a direção da escola sobre os casos ocorridos. “Hoje

quase todos os casos nos são avisados. Conseguimos, com isso, fazer um atendimento desses alunos (autores e alvos de *bullying*), no sentido de aconselhá-los”, explica Márcia Júlio Meirelles, coordenadora pedagógica.

Numa outra iniciativa, foram criadas oficinas de dança, teatro e vídeo, para ocupar e integrar os alunos. O Projeto Político-Pedagógico da escola também teve a ver com *bullying*: o tema escolhido foi “De bem comigo, de bem contigo”. Desenhos e redações tratando do assunto foram feitos pelas crianças e pelos jovens da instituição.

As ações desenvolvidas nas escolas pesquisadas estão dando resultado. É o que mostra uma análise preliminar de um novo questionário, enviado este ano pela Abrapia aos mesmos alunos pesquisados anteriormente. “Eles já identificam o que é *bullying* e já estão atuando no sentido de ‘defender’ o colega que é alvo, seja interferindo na hora, participando de ações ou atividades realizadas pela escola ou comunicando a professores ou diretores o que presenciaram. Por conta disso, em algumas escolas já é possível constatar uma tendência à redução dos casos de *bullying*”, informa Aramis, que acrescenta que o produto final da primeira parte da pesquisa da Abrapia será um livro, contando todo o trabalho realizado, a ser lançado até o final deste ano.

É considerado bullying

- Colocar apelidos
- Ofender
- Zoar
- Gozar
- Encarnar
- Humilhar
- Fazer sofrer
- Discriminar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar
- Intimidar
- Perseguir
- Assediar
- Aterrorizar
- Amedrontar
- Tiranizar
- Dominar
- Agredir
- Bater
- Chutar
- Empurrar
- Ferir
- Roubar
- Quebrar o que é do outro



Novo guia reunirá teses de professores

Quem tiver concluído curso de pós-graduação tem até 30 de janeiro para enviar dissertação de mestrado ou doutorado para compor a próxima edição do livro

Disseminar o conhecimento científico sobre a prática e a política educacional - contribuindo para a troca de experiências, estudos e informações com o objetivo de propiciar uma qualidade ao ensino-aprendizagem. É esta a proposta do Guia de Mestres e Doutores da Educação Pública Fundamental da Cidade do Rio de Janeiro, publicação do Centro de Referência da Educação Pública da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME).

Editado pela primeira vez em 2000, o guia lista as dissertações de mestrado e doutorado dos professores das escolas da Prefeitura do Rio, com as respectivas sinopses e telefones ou e-mails de contato de seus autores - as íntegras das pesquisas ficam à disposição dos interessados no Centro de Referência. Os estudos estão divididos em sete áreas: Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes; Ciências Humanas; Ciências Biológicas; Ciências Exatas e da Terra; Ciências da Saúde; e Engenharias.

Mariza Werneck Hirschfeld, professora da SME e diretora do Centro de Referência, destaca que o diferencial da publicação é que ela reúne produção acadêmica cuja fonte de pesquisa é a própria rede municipal de ensino do Rio: "Além disso, promover a circulação de informações e o acesso à qualificação deve ser uma meta de todos os professores e também dever do poder público. Incentivar o processo permanente de atualização dos nossos profissionais é tarefa imperiosa neste mundo em constante mudança".

Para atualizar o guia - a última versão, publicada no ano passado, lista 137 sinopses de dissertações - o Centro de Referência da Educação Pública está cadastrando novas produções que, junto às antigas, farão parte de uma nova edição - impressa e em CD-ROM - que deverá ser lançada no próximo ano. A publicação tem por objetivo divulgar e incentivar a produção teórica dos docentes sobre temas ligados, direta ou indiretamente, à prática educativa.

Dessa forma, os professores que concluíram cursos de pós-graduação estão convidados a compor a próxima coletânea. Os interessados devem enviar para o Centro de Referência o resumo de suas dissertações/teses. O formulário de inscrição está disponível nas sedes das Coordenadorias Regionais de Edu-

cação e nas escolas. Os dados deverão ser entregues em disquete, encaminhados por fax ou via e-mail. O prazo termina no dia 30 de janeiro de 2004. Cada professor/autor receberá um exemplar do guia, que também será encaminhado às escolas da Prefeitura. O atual guia pode ser encontrado nas escolas. O seu conteúdo também pode ser consultado no site da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br), na seção sala de aula - arquivo: professores e suas teses.



Centro de Referência da Educação Pública

Av. Presidente Vargas, 1.314
Horário: das 10h às 17 horas
Tel.: (0xx21) 2253-0371
Fax: (0xx21) 2253-0365
E-mail: acervocrep@pcrj.rj.gov.br



Reprodução

Para sua atualização

Esporte, ecologia e os costumes de povos indígenas são os destaques



Área de Conhecimento

Educação Física

Ficha Técnica

Tipo de produção:
Documentário

País: Brasil

Produção:
TV Escola/MEC

TV

Visões do Esporte

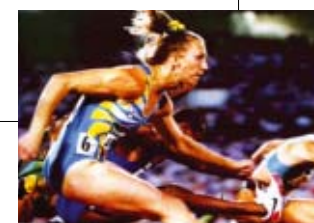
Sinopse

Documentário em 20 episódios que aborda diferentes questões relativas à área de esportes. O vocabulário usado por atletas, técnicos e outros personagens deste universo, além do desenvolvimento científico e tecnológico ligado à vida esportiva do homem, são alguns dos temas da série.

Na Escola

O trabalho escolar em educação física deve dar oportunidade para que crianças e jovens expressem e desenvolvam habilidades corporais, de forma coletiva, permitindo uma análise crítica e a criação de um espaço cooperativo.

A série deve ser utilizada por professores de forma interdisciplinar a fim de elaborar um projeto de trabalho baseado nos valores presentes na sociedade. A evolução da prática esportiva pode funcionar como um fio condutor para esse debate. O esporte é uma atividade que promove integração social. Ao jogar, lutar, dançar ou fazer ginástica, por exemplo, a pessoa revela intenções, expressa sentimentos, cria estratégias e estabelece códigos de comunicação, representando simbolicamente o cotidiano e a cultura na qual está inserida.





TV Ecovídeo

Sinopse

A série é composta por 10 episódios e tem a ecologia como tema. Em cada programa, parte-se do relato de pessoas que têm uma estreita relação com a natureza para falar sobre preservação do meio ambiente, aproveitamento da natureza, ecossistema etc.

Na Escola

Os programas enfocam os conceitos de qualidade de vida e de saúde, passando a idéia de que ecologia, preservação e exploração do meio ambiente são questões diretamente relacionadas a uma vida saudável. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como sendo “o completo” bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença. Pode-se partir desta afirmativa para trabalhar com alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental algumas perguntas: Levando em conta que muitos jovens não têm em suas casas condições básicas de saneamento, podemos dizer que a comunidade da qual fazemos parte é saudável? A falta de condições mínimas de higiene e saneamento deve constituir um obstáculo para reflexão junto à comunidade do que é saúde? Que atitudes podem ser tomadas na sua escola, na sua sala de aula, por exemplo, para melhorar as condições de trabalho de professores e de aprendizado dos alunos?

Atenção, professor! Para ajudar seus alunos a compreenderem estas questões proponha uma discussão a respeito do que eles pensam sobre o que é ser uma pessoa sadia, considerando hábitos de higiene, alimentação e práticas esportivas dentro e fora da escola. Convide um médico ou sanitarista da sua região administrativa para falar sobre a relação saúde e qualidade de vida. Se for do interesse dos alunos, pode ser feita uma campanha na escola de melhoria do ambiente escolar, usando cartazes e promovendo uma exposição de trabalhos. Procure integrar a comunidade da sua região neste trabalho. Não podemos esquecer que só nos aproximamos de um ideal de saúde se toda a sociedade estiver saudável conosco. Saúde individual é um conceito bastante frágil e discutível.



Área de Conhecimento
Ciências

Ficha Técnica
Tipo de produção: Documentário
País: Brasil
Produção: ISER



Área de Conhecimento
História

Ficha Técnica
Tipo de produção: Documentário
País: Brasil
Produção: TV Escola - CTI

TV Índios do Brasil

Sinopse

O programa traz, entre outras informações, os direitos, os costumes, a divisão de territórios e os processos migratórios dos índios brasileiros. Depoimentos de representantes das diversas aldeias e de uma socióloga kaingang enriquecem o documentário.

Na Escola

Este documentário pode ajudar professores e alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental a compreenderem os processos migratórios no Brasil. Ao longo dos séculos, deslocamentos de grupos indígenas, de colonizadores portugueses, de africanos e de imigrantes europeus deixaram marcas profundas na formação da vida política, social e cultural do país. Uma atividade que pode ser interessante para compreender a diversidade cultural característica da sociedade brasileira é pedir que os alunos façam um levantamento das imagens que expressem esse tema. O material pode ser conseguido em jornais, revistas, livros ou até mesmo em fotos dos familiares e amigos dos alunos. Essas imagens devem ser apresentadas aos estudantes para que eles discutam os diferentes aspectos de cada uma. Feito isso, o professor poderá dar informações sobre a data, o local, os personagens e os autores de cada foto e, depois, promover um debate sobre as questões trabalhadas nessa atividade. Textos de jornais ou revistas podem servir como ponto de partida para a discussão.



Programação MULTIRIO

Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h
Sábado e domingo, das 10h às 11h

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



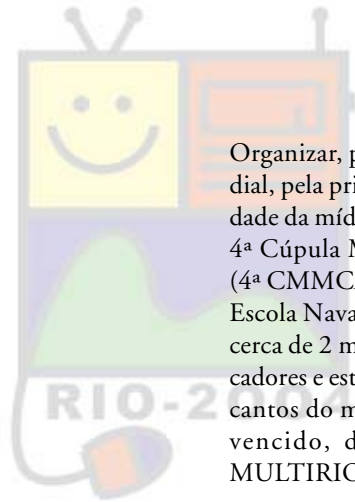
CD-ROM



Internet

Equipe multiprofissional para cúpula de mídia

A poucos meses do evento, programação já está praticamente fechada



Organizar, produzir, viabilizar e divulgar um encontro mundial, pela primeira vez no Rio de Janeiro, para debater a qualidade da mídia voltada para crianças e adolescentes. Trata-se da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes (4ª CMMCA) que acontecerá de 19 a 23 de abril de 2004, na Escola Naval. O evento - inédito na América Latina - reunirá cerca de 2 mil profissionais da indústria global de mídia, educadores e estudantes de graduação e pós-graduação dos quatro cantos do mundo. Um desafio e tanto. Mas que vem sendo vencido, desde março de 2002, por uma equipe da MULTIRIO criada para cuidar exclusivamente do projeto.

De lá pra cá, o grupo - formado por jornalistas, produtores, professores e pesquisadores - já organizou quatro grandes reuniões preparatórias para a 4ª CMMCA. A primeira, realizada em novembro do ano passado, contou com a participação de aproximadamente 70 pessoas de diferentes países do mundo. O encontro teve o objetivo de definir o tema do encontro - Mídia de Todos, Mídia para Todos - e os assuntos que serão abordados durante os cinco dias da cúpula, como explica a coordenadora de produção da equipe, Valéria Coelho: "Definimos também a data, o local, o conceito, o formato e o programa da 4ª Cúpula. Aproveitamos também para nomear os representantes do comitê internacional que ficaram responsáveis pelo intercâmbio de informações entre a Cúpula e seus respectivos países."

Neste ano, a equipe organizou novas reuniões para definir a criação de um fórum específico para os adolescentes que será realizado durante a Cúpula. "Em maio, reunimos produtores e representantes de emissoras de TV e da sociedade civil organizada do país para criar um Fórum Brasileiro, que indicou dez representantes com o intuito de propor ações locais de mobilização e ampliação do debate sobre a qualidade de mídia para crianças e jovens. E mais recentemente, em outubro, reunimos cerca de 60 jovens do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais e da Bahia para definir como será a

participação dos adolescentes neste fórum", conta Ana Cecília Pacheco, coordenadora do Fórum de Adolescentes.

À frente de todo este trabalho está Sylvia Millon, secretária executiva da 4ª CMMCA. Segundo ela, a Cúpula não acontecerá apenas na Escola Naval. A idéia é fazer com que toda a população da cidade do Rio de Janeiro esteja envolvida e participando da discussão. Para isso, serão realizados eventos paralelos em toda a cidade.

Na página <http://www.riosummit2004.com.br>, é possível conferir esta e outras informações. O site da 4ª CMMCA traz informações gerais sobre o encontro, bem como o calendário e a programação. Além de ser um canal de divulgação e de disseminação das informações sobre o encontro, a idéia é transformar a página da internet em um espaço virtual de reflexão sobre a mídia voltada para crianças e adolescentes. Por conta disso, há entrevistas, reportagens e

links sobre o tema. O objetivo é aproveitar a internet para criar uma comunidade virtual internacional que possa debater - antes, durante e depois da 4ª CMMCA - assuntos pertinentes.

Mas até que o encontro aconteça trabalho é o que não falta para a equipe que está à frente da cúpula: contatos internacionais com os representantes de cada continente envolvido com o evento; levantamento e análise de pesquisas e experiências bem-sucedidas sobre mídias voltadas para crianças e adolescentes; desenvolvimento da identidade visual do encontro em todos os produtos da Cúpula; confirmação dos palestrantes; elaboração de publicações voltadas

para o evento; conteúdos para o site; convites; estratégias de divulgação e muitos, muitos outros detalhes.

Da esquerda para a direita: Ana, Rubem, Valéria, Sylvia, Maria Lúcia, Pilar, Marcus, Soraya e Solange



Quem é quem Secretaria Executiva da 4ª CMMCA

Ana Cecília Pacheco - Coord. do Fórum dos Adolescentes

Ana Priscila Freire - Estagiária

Ismar de Oliveira - Coordenador de Pesquisadores

Karina Rohde - Designer Gráfica

Lilian Oswaldo Cruz - Relações Internacionais

Marcos Didonet - Núcleo de Eventos Paralelos

Marcus Tavares - Editor do Site

Maria Lúcia Pereira - Núcleo de Atividades Sociais

Marilena Rescala - Coordenadora dos Comitês Brasileiros

Pilar Robles - Assistente de Produção

Rubem Crusius - Gerente de Captação

Solange Jobim - Coordenadora de Pesquisadores

Soraya Vidal - Assistente de Produção

Sylvia Millon - Secretária Executiva

Valéria Coelho - Coordenadora de Produção

"No primário tive uma professora chamada Laci, de redação, que me estimulou muito, me marcou demais como mestra. Eu era uma aluna muito dispersa em outras matérias, mas tinha adoração por redação, justamente por causa dela. Foi a professora Laci que me abriu os caminhos para escrever, para a imaginação, para a narrativa, coisas fundamentais para minha bagagem. Aprendi muito nessa época e foi extremamente importante na minha carreira como cineasta."

Sandra Werneck, cineasta

"Tive a influência muito grande de uma professora chamada Laís Lira. Uma maravilhosa professora de português que me deu o gosto pela lógica da língua. Ela era muito exigente e ao mesmo tempo muito generosa e simpática. Nunca me esqueço que todo dia ela passava como dever de casa um trecho de um texto para que fizéssemos a análise sintática. E no dia seguinte a dona Laís passava de carteira em carteira para ver quem tinha feito o dever ou não. Toda essa dedicação me marcou muito."

Ana Maria Machado, escritora

"Meu sonho era ser professora. Tudo que faço na vida é sempre com a intenção de ensinar algo. Acho professor a profissão mais importante de todas, mais do que médico. Não há nada mais gratificante do que você passar conhecimento para outras pessoas."

Regina Casé, atriz

"Lembro muito das minhas professoras de português. A Sandra Cavalcanti foi uma delas, tive esse privilégio. Ela me encantava muito, eu tinha 13, 14 anos, e ela desafiava o estereótipo de professora daquela época. Mulheres não iam para a política e ela era candidata. Tinha um ótimo gosto literário, me apresentou Machado de Assis. O fato dela defender posições foi muito significativo tanto para mim quanto para as outras meninas que estudavam comigo."

Rosiska Darcy de Oliveira, escritora

"De uma maneira geral, meus primeiros professores da Escola Santos Anjos me incentivaram muito nessa questão da consciência política. Eles nos incentivaram muito para a arte, nos levando a óperas, balés, montando espetáculos. Enfim, foram professores que agiram de maneira fundamental para que eu descobrisse minha verdadeira vocação, que é ser atriz."

Zezé Motta, atriz e cantora

"Tive uma professora, em Além Paraíba (MG), chamada Letícia Pinto, que foi muito importante, que me abriu o universo do livro. O primeiro Proust foi ela quem me deu. O primeiro Machado de Assis foi ela quem me deu. A professora Letícia foi realmente fundamental nesse sentido. Aliás, tenho uma teoria que é a seguinte: atrás de um leitor tem sempre uma professora. Fico fascinado com o trabalho dessas primeiras mestras que trazem a leitura para seus alunos."

Zuenir Ventura, jornalista

"Nunca me esqueço da minha primeira professora, chamada D. Luciana, bailarina do Teatro Municipal. Era lindo, uma imagem linda, porque enquanto ela dava aula sua mãe tocava piano. Essa imagem me marcou muito, dançar e ensaiar com mãe e filha. Me levou ao encontro com a musicalidade, que mais tarde me ajudou muito na carreira. A professora Luciana me proporcionou o primeiro encontro com a dança. E, em seguida, tive toda minha formação com a professora Julinha de Queirós, que era uma professora bastante rígida, enérgica, que usava uma varinha para dar aulas, bem típico daquela época. Levei muita varetada na perna, pra esticar o Joelho, pra esticar a ponta do pé. Mas faz parte para ficarmos alertas. Ela também foi muito importante, fez parte da minha formação como bailarina. Devo muito a elas."

Ana Botafogo, bailarina

"Mergulhar no coração do outro como em um jardim desconhecido e semear gestos e palavras para que ao longo da vida se transformem em luz, flores, estrelas, vaga-lumes, esta a tarefa mágica de cada dia. Farol, bússola, estrela-guia, assim vão os professores e professoras com suas asas invisíveis e por onde passam deixam um rastro de música."

Roseana Murray, escritora

"Na vida nós temos vários professores, que já são muito importantes para nós. Nos ensinam, nos explicam, nos trazem novas informações, participam em todas as idades mais diferentes do nosso crescimento. Têm professores que são bons professores, mas têm professores que são mestres. Mestres são raros e são para a vida inteira. Viva os professores, viva os mestres. A generosidade e a humildade nos dão a liberdade de desfrutar o melhor da vida."

Deborah Colker, bailarina

"Para mim sempre foi muito sedutor ir pra escola. Muito do que comecei a pensar, muito do que me instigou na vida veio dos meus primeiros professores. E teve uma em especial que foi muito importante, a professora Raquel, de música. E olha que eu não era muito ligada nessa disciplina. Lembro bem dela, porque foi a primeira pessoa que me abriu o coração e me instigou a gostar de música, começar a cantar. Era uma pessoa incrível, se doava como profissional, incentivava mesmo."

Fernanda Abreu, cantora

2004, Rio de Janeiro, Brasil.
2001, Tessalônica, Grécia.
1998, Londres, Inglaterra.
1995, Melbourne, Austrália.

Conjunto constituído pelas pessoas dirigentes e/ou responsáveis de uma instituição, partido político, empresa, organização de ensino etc. Culminância, conclusão de algo. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)



4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes

Meios de comunicação de massa. Rádio, cinema, televisão, internet, jogos eletrônicos, satélites etc.

Pela primeira vez na história do evento será realizado um fórum específico de adolescentes, no qual eles discutirão a qualidade das produções de mídia para crianças e jovens junto com produtores, especialistas em mídia, educadores, professores de todo o mundo.

Caros(as) professores(as),

Esta edição de **Nós da Escola** é especial, pois traz uma homenagem a cada um de vocês. São depoimentos marcantes de quem faz a cultura de nosso país. Alguns deles foram dados à equipe do programa **Encontros Essenciais**, enquanto outros foram dados, exclusivamente, à equipe de **Nós da Escola**. Aproveitem!

Equipe do Núcleo de Publicações

De 19 a 23 de abril

O mais importante fórum internacional de debates estará de braços abertos para você no Rio de Janeiro. As inscrições poderão ser feitas a partir de dezembro no site www.riosummit2004.com.br